

# Uma luz Inesperada

José Saramago

(Texto adaptado com supressões)



Meus avós tinham decidido, porque a venda dos bácoros havia sido fraca, que o resto das ninhadas seria vendido em Santarém, por melhor preço e sem mais gastos de dinheiro. O caminho seria andado a pé, a passo de porco pequeno, para que os animais chegassem à feira com sorte de comprador.





Perguntaram-me se eu queria de ajuda com o tio mais novo- e eu disse que sim.

Ensebei as botas para a caminhada e escolhi no alpendre o pau que mais jeito dava aos meus doze anos esgalgados.

Começamos a jornada a meio da tarde, meu tio atrás, com o cuidado de não deixar perder nenhum bácoro, eu à frente, levando a marrã nos calcanhares.



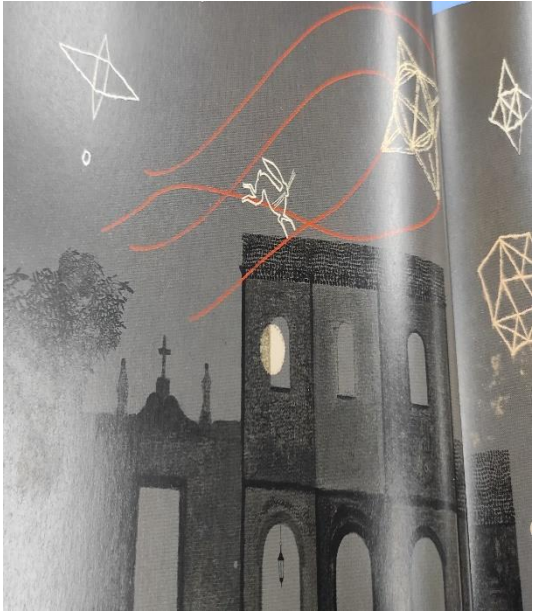
Uma vez por outra, meu tio revezava-me e eu tinha de comer o pó que as patinhas miúdas dos animais levantavam do caminho.

No meio deles, mãe verdadeira de alguns e emprestada de outros, a marrã conservava-os unidos.



Era quase noite fechada quando chegámos à quinta onde ficaríamos para o dia seguinte. Metemos os animais num barracão e comemos o farnel leve perto de uma janela iluminada. Enquanto comíamos, veio um criado dizer-nos que poderíamos dormir na cavaleriça. A porta da cavaleriça ficaria aberta toda a noite, e assim nos convinha, pois teríamos de sair pela madrugada, muito antes de nascer o sol, para chegarmos a Santarém no principiar da feira.





A nossa cama era um extremo da manjedoura. Os cavalos resfolegavam e davam patadas no chão empedrado, coberto de palha. Deitei-me como num berço, enrolado na manta, respirando o cheiro forte dos cavalos, toda a noite inquietos. Senti-me cansado, com os pés moídos. A escuridão era quente e espessa, os cavalos sacudiam as cabeças com força, e o meu tio dormia. Os ruídos da noite passavam por sobre o telhado. Adormeci como um santo: assim minha avó o diria se ali estivesse.

Acordei quando meu tio me chamou, madrugada alta. Sentei-me na manjedoura e olhei para a porta, com os olhos piscos de sono e deslumbrados por uma luz inesperada. Saltei para o chão e vim ao pátio: na minha frente estava uma lua redonda e enorme, branca, entornando leite sobre a noite e a paisagem. Era tudo branco refulgente onde a lua dava e negro espesso nas sombras.





E eu que só tinha doze anos, como já ficou dito,  
adivinhei que nunca mais veria outra lua assim. Por  
isso é que hoje me comovem poucos os luares: tenho  
um dentro de mim que nada pode vencer.



Fomos buscar os porcos e descemos ao vale, cautelosamente, porque havia silvas e barrocos. Depois tudo se tornou simples. Seguimos ao longo de vinhas maduras, por um caminho coberto de pó que a frescura da noite mantinha rasteiro, e eu saltei ao meio das cepas e eu colhi dois grandes caxos que meti na blusa enquanto corria os olhos em redor, a ver se o guarda aparecia. Voltei ao caminho e dei um cacho a meu tio.





Começamos a subir para Santarém quando o sol nascia. Estivemos na feira toda a manhã e parte da tarde. Não vendemos os bácoros todos por isso tivemos de regressar também a pé, e foi aí que aconteceu aquilo que não tornou mais a acontecer.

Por cima de nós formou-se um anel de nuvens que enegreceram e começaram a largar chuva, e então por muito tempo andamos sem que uma gota nos apanhasse, enquanto à nossa volta, circularmente, uma cortina de água nos fechava o horizonte. Por fim as nuvens desapareceram. A noite vinha devagar entre as oliveiras. Os animais faziam aqueles ruídos que parecem uma interminável conversa. Meu tio, à frente, assobiava devagarinho. Por causa de tudo isto me veio uma grande vontade de chorar. Ninguém me via, e eu via o mundo todo. Foi então que jurei a mim mesmo não morrer nunca.



# Propostas



- Conheces outras histórias sobre a Lua?
- Já observaste a Lua cheia? Numa cartolina preta desenha a branco o luar e as sombras da noite. (vai ficar lindo!)
- O que sabes sobre as fases da Lua? É uma boa altura para investigar.
- “Ninguém me via e eu via o mundo todo.” – Já te sentiste invisível? Desenvolve esta ideia num texto poético.